

Fernando Molica

Trump reabilita caricaturas musicais

Os ataques de Donald Trump ao país são tão estapafúrdios que remetem a velhas caricaturas sobre o poder norte-americano — como o quadro do programa “Os Trapalhões” que, no fim dos anos 1970, ilustrou o samba “O patrão mandou”, de Paulinho Soares.

Vestidos com a clássica fantasia de Tio Sam, Renato Aragão (Didi), Dedé Santana, Antônio Carlos (Mussum) e Mauro Gonçalves (Zacarias) dançam e representam enquanto Soares, à frente do quarteto, interpreta a canção que ironiza a força dos Estados Unidos:

“O patrão mandou cantar com a língua enrolada./ Everybody macacada. Everybody macacada/ E também mandou servir uísque na feijoada./ Do you like this, macacada? Do you like this, macacada?”

Dos quatro, Dedé é que incorpora de maneira mais simbólica o Tio Sam — além da fantasia em azul, vermelho e branco, usa a barbicha que tanto marca o personagem.

Dá ordens, expulsa de cena Mussum

(integrante do grupo Originais do Samba) nos versos em que “o patrão” manda retirar “nosso samba da parada”. Arrogante, determina a coreografia do grupo e chega a distribuir sopapos nos outros.

“O patrão mandou” era quase uma atualização da também irônica “Canção do subdesenvolvido”, composta por Carlinhos Lyra e Chico de Assis e lançada em 1962 pelo CPC (Centro Popular de Cultura) da União Nacional dos Estudantes, que cultivava um viés nacionalista e de esquerda.

A canção é um panfleto musical que enumera o domínio de potências estrangeiras no Brasil. Ao tratar dos Estados Unidos, ressalta a injustiça das relações comerciais entre os dois países e a dominação cultural norte-americana: “Rock-balada, filme de mocinho/ Ar refrigerado e chiclet de bola/ E coca-cola...”

Engraçadas, as duas canções pareciam condenadas a um passado em que tanto se falava em imperialismo, principalmente, no papel exercido pelos EUA. Uma crítica que, segundo teóricos liberais, te-

ria sido superada pela complexidade de um mundo moderno e interdependente.

Décadas depois, porém, o autoritarismo do governo norte-americano mostra que o viés caricatural e mesmo maniqueísta dos anos 1960 e 1970 não foi sepultado pela história. O “patrão” agora se acha no direito de tentar interferir num julgamento do Supremo Tribunal Federal para garantir a impunidade de Jair Bolsonaro.

Não mudou também a postura dos políticos que, como nos cartuns tão comuns em outros tempos, mantêm subserviência aos EUA, beijam a mão de Tio Sam. Como na canção do CPC da UNE: “O povo brasileiro embora pense, dance e cante/ como americano / Não come como americano / Não bebe como americano/ Vive menos, sofre mais.” E conclui: “Personalidade sem igual / Porém... subdesenvolvida, subdesenvolvida / E essa é que é a vida nacional!”

O clipe dos Trapalhões pode ser visto em <https://globoplay.globo.com/v/5715161/>.

Sérgio Cabral*

Tempos estranhos

O Brasil resiste. Não há outro caminho para a afirmação de uma nação do que lutar pela sua soberania e pelo seu regime democrático.

Desde 1989, o país vive seu maior período de democracia. República fundada na base de um golpe militar, em novembro de 1889, tivemos nossas primeiras eleições livres somente em dezembro de 1945, sob a influência da vitória dos Aliados contra o nazifascismo na Segunda Guerra Mundial.

O golpe militar de 1964 interrompeu nossa trajetória democrática. Em janeiro de 1985, nos livramos dela com a eleição da chapa Tancredo Neves/José Sarney. Em 1988, consagramos a Constituição Cidadã que nos rege até hoje e, em 89, a primeira eleição direta para presidente da república, desde 1960.

Já são 36 anos de democracia ininterrupta no Brasil. O maior período conti-

nua da história da nossa república. Não é pouca coisa! Nesse período, nossa democracia foi colocada à prova em diversas situações. E nossas instituições resistiram.

Hoje, vivemos mais um desafio. E nossas instituições demonstram mais uma vez maturidade e capacidade de enfrentá-lo sem acovardamento. Não há precedentes históricos no pós-guerra, na atual política norte-americana, quanto ao tratamento dado aos seus aliados. O uso abusivo da força de compra de insumos de seus parceiros comerciais pelo governo dos Estados Unidos é inédito. Mais inédita é usar o instrumento de barreiras tarifárias para coagir e pressionar o rumo de decisões internas de um país democrático.

A esperança recai sobre as próprias instituições norte-americanas, que garantiram uma sólida e referenciada democracia ao mundo. Ela é capaz de impor limites a qualquer poderoso de plan-

tão que tente fragilizá-la, assim espero. Mandatos eletivos têm começo, meio e fim. Quem os conquista precisa sempre ser lembrado de seus limites. As relações comerciais entre Brasil e Estados Unidos têm mais de 200 anos de história. Jamais foram utilizadas por qualquer governo norte-americano, anterior a Trump, com tamanha desfaçatez e intromissão em assuntos internos do Brasil.

O Brasil se encontra, como outras nações e entidades do mundo, coagido pelo governo norte-americano. Jamais se viu tanta intolerância com gays, minorias étnicas, universidades, imigrantes, imprensa, e tantos outros exemplos deprimentes de comportamento de um governo que só tem 6 meses e que já causou tantos estragos.

*Jornalista. Instagram: @sergiocabral_filho

Tales Faria

A solução é diplomática, não jurídica, diz Marco Aurélio Mello

Quando atuava no Supremo Tribunal Federal (STF), Marco Aurélio Mello ganhou o apelido de “Ministro Voto Vencido”. Motivo: não se preocupava, em absoluto, em seguir o caminho delineado pelos colegas.

Em seus votos, insistia na chamada doutrina garantista, que preconiza a defesa das garantias individuais como uma das principais obrigações dos juízes.

Com essa visão chegou a conceder habeas corpus para o ex-banqueiro Salvatore Cacciola, ex-dono do Banco Marka, que havia se envolvido num escândalo com a desvalorização do Real no governo Fernando Henrique Cardoso. Cacciola fugiu do país.

Apesar de suas posições polêmicas, o ministro sempre foi reconhecido como um conhecedor profundo do Direito.

Presidiu o STF de maio de 2001 a maio de 2003. Em outubro de 2020, Marco Aurélio tornou-se o decano do STF, em decorrência da aposentadoria do até então decano, ministro Celso de Mello. Apo-

sentou-se em julho de 2021, ao atingir a idade limite do serviço público, de setenta e cinco anos.

Enquanto seus antigos colegas de Corte resolveram não se pronunciar acerca da decisão do governo dos EUA de barrar a entrada de parte dos ministros do STF no país, ele aceitou falar com a coluna.

E veio, mais uma vez, com uma posição polêmica. Perguntado sobre o que pode ser feito, em termos jurídicos, contra a decisão norte-americana, respondeu: “Nada, absolutamente nada. Cumpre acionar a diplomacia. O Itamaraty.”

Segundo ele, mesmo assim, é preciso “acionar com temperança”. Para Marco Aurélio, trata-se de um “predicado escasso nos dias atuais, de parte a parte, a via do entendimento”.

Ou seja, ele vê falta de temperança nas posições do presidente dos EUA, Donald Trump, mas também ressentido do mesmo problema com as autoridades do governo brasileiro e na posição.

Marco Aurélio admite, no entanto, que “a questão envolve soberania”. Diz que vivemos “tempos estranhos em que prevalece a retaliação”. E, por isso, “é preciso tirar o pé do acelerador, não colocando lenha na fogueira”.

Foi quando a coluna insistiu em perguntar se não havia saída jurídica, que ele a solução não é jurídica, mas sim pela diplomacia.

Diante da insistência da coluna em perguntar se não haveria uma chance de solução caso o STF, ou os ministros da Suprema Corte do Brasil, entrassem com ação individual nos EUA, ele respondeu peremptório:

“Há, um ditado popular antigo, anterior à ressonância: de pata de cavalo, de barriga de mulher e de homem de saia (o juiz, com a capa) é possível esperar qualquer coisa. Mas, não creio em derrubada, pela magistratura americana, de uma deliberação de governo como essa.”

EDITORIAL

O bem-estar e a saúde mental

A amizade é um dos pilares mais importantes para a saúde mental, desempenhando um papel essencial no bem-estar emocional e psicológico ao longo da vida. Ter amigos verdadeiros proporciona apoio, acolhimento e um senso de pertencimento, fatores fundamentais para lidar com os desafios diários e reduzir os impactos do estresse.

Em um mundo cada vez mais acelerado e individualista, cultivar e manter relações de amizade se torna não apenas um prazer, mas uma necessidade para o equilíbrio emocional, ainda mais em tempos onde, depois de uma pandemia, as situações estão cada vez mais no digital e menos no mundo real.

Amigos são capazes de oferecer um espaço seguro para desabafar, compartilhar sentimentos e trocar experiências, permitindo que a pessoa se sinta compreendida e menos sozinha em seus problemas, tendo mais acolhimento e certeza de que tem pessoas boas por perto.

Essa rede de apoio emocional pode ser determinante para evitar quadros de ansiedade, depressão e outros transtornos, funcionando como um amortecedor contra as dificuldades da

vida. Conversas sinceras e momentos de descontração também estimulam a produção de hormônios como a oxitocina e a serotonina, que promovem sensações de bem-estar e felicidade.

Além dos benefícios emocionais, a amizade também pode influenciar positivamente a saúde física. Pessoas com laços sociais sólidos tendem a ter menor risco de doenças cardiovasculares, sono de melhor qualidade e até maior longevidade, segundo diversos estudos científicos. Isso acontece porque a convivência saudável reduz níveis de cortisol, o hormônio do estresse, e estimula hábitos de vida mais equilibrados.

Por outro lado, a falta de amigos ou o isolamento social pode gerar sentimentos de solidão profunda, que estão diretamente ligados a maiores índices de depressão, declínio cognitivo e até mortalidade precoce.

Por isso, investir tempo e dedicação em amizades verdadeiras é investir também em saúde. Cultivar relações baseadas em empatia, respeito e confiança não apenas fortalece o vínculo com o outro, mas contribui para uma vida emocionalmente mais estável, saudável e feliz.

Envelhecidos pela desigualdade

O envelhecimento, por muito tempo considerado um fenômeno natural e predominantemente biológico, ganha agora contornos mais políticos e sociais.

Um estudo recente publicado na prestigiada Nature Medicine, com participação de cientistas brasileiros, apresenta uma nova abordagem sobre um tema que precisa urgentemente sair dos gabinetes acadêmicos e ocupar o centro das decisões públicas: o cérebro envelhece mais depressa onde há instabilidade política, poluição, desigualdade social e ausência de direitos.

A pesquisa analisou dados de mais de 160 mil pessoas em 40 países e utilizou inteligência artificial para medir o chamado gap de idade biocomportamental, uma discrepância entre a idade cronológica de uma pessoa e sua condição de saúde mental, física e social. Os resultados não deixam margem para

dúvidas: as condições estruturais de um país, sua democracia, sua justiça social, sua governança, afetam diretamente a saúde do cérebro da população.

Essa constatação desmonta o velho argumento de que o envelhecimento é apenas consequência de genética e escolhas pessoais. Em vez disso, aponta um novo paradigma: o envelhecimento é também um sintoma coletivo, moldado por contextos sociais, econômicos e políticos. Em países como o Brasil, onde a desigualdade é crônica e a confiança nas instituições anda em ruínas, as implicações desse estudo são especialmente alarmantes.

É impossível ignorar a força desses dados: viver sob governos corruptos, com baixa transparência, violência urbana, ar irrespirável e representação política desigual é, literalmente, adoecer. Mais que isso, é envelhecer mais rápido.

Opinião do leitor

Lucidez

Muito boa, firme, serena, lúcida, esclarecedora e patriótica, carta a nação do presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), ministro Luiz Roberto Barroso, repudiando declarações duras do presidente Donald Trump contra a soberania e a democracia brasileira.

Vicente Limongi Netto
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: EGITO É PALCO DE SEVEROS CONFLITOS CIVIS

As principais notícias do Correio da Manhã em 18 de julho de 1930 foram: Ex-secretário de Estado dos EUA, Elihu Root dirigiu um

apelo à Federação Civil Nacional para formar um contingente de polícia para combater o comunismo no país. No Egito, Alexandria foi palco

de severos combates entre populares e a polícia, com vários feridos. Congresso alemão aprova 1º artigo da nova lei de finanças.

HÁ 75 ANOS: PR DE CIDADES MINEIRAS COM EDUARDO GOMES

As principais notícias do Correio da Manhã em 18 de julho de 1950 foram: Eduardo Gomes tem grande festa no comício estadual da

UDN em Goiás; diretório mineiro prepara grande manifestação pelo candidato. PR de Palma e Virginópolis contrariam direção nacional

e vão apoiar o Brigadeiro. URSS condiciona as propostas de paz à admissão da China Comunista no Conselho de Segurança da ONU

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br

Redação: Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro e Rafael Lima

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

WhatsApp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520

Rio de Janeiro - RJ CEP 22275-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes

Brasília - DF CEP 71736-202

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.